

Missionária da

SAGRADA FACE

BEATA MARIA PIERINA DE MICHELI

abril/junho 2014

Revista trimestral das Filhas da Imaculada Conceição de Buenos Aires
Autorização do Tribunal de Roma nº 201/2009 de 18/06/2009 – Via Asinio Pollione, 5 – 00153 ROMA – Tel: 06.5743432
ANO XX – Nova Série

117





DOIS SANTOS CORAJOSOS 3
Papa Francisco

OLHAR PARA JESUS
COM OS OLHOS DO CORAÇÃO 5
Padre Luciano Larivera

TORNAR-SE VERDADEIROS
DISCÍPULOS DE CRISTO 8
Padre Luca De Girolamo

ORAÇÃO E TRADIÇÃO
MONÁSTICA 10
Dom Carlo Morandín

Com a aprovação do Vicariato de Roma
Diretor: Aldo Morandín

Para solicitar a vida, as imagens da Beata como sinal de graças e favores obtidos por sua intercessão, favor contatar:
Filhas da Imaculada Conceição de Buenos Aires - Via Asinino Pollione, 5 - 00153 Roma - Email: madrepierina@gmail.com - C/C postale 82790007 / - C/C bancario: IBAN IT84020080329800004059417 - em UNICREDIT BANCA Grafica e impaginazione: Lello Gitto - Foggia Tipografia Ostiense - Roma - Via P. Matteucci, 106/c Acabado de imprimir no mês de junho de 2014

ORAÇÃO À SAGRADA FACE 13
de São João Paulo II

DO DIÁRIO DA MADRE MARIA PIERINA DE MICHELI 25 DE MAIO DE 1942

DAS CARTAS DA BEATA 14
Beata Maria Pierina de Micheli

DAS NOSSAS CASAS 16
Rubricas

PENTECOSTES 18
São João XXIII

Milhões de pessoas permaneceram hipnotizadas diante da televisão, da rádio, dos meios de comunicação sociais para ver aquele que foi definido em um evento epocal: a canonização de João XXIII e de João Paulo II presidida pelo Papa Francisco, na presença de Bento XVI, na Praça de São Pedro, no domingo 27 de abril.

Um momento de alegria para toda a Igreja e também para os devotos da Sagrada Face que participaram em grande número na celebração eucarística, desafiando as multidões e as dificuldades para prestar homenagem aos dois novos Santos. Também nós nos unimos a quantos louvam ao Senhor por este encontro eclesial que teve ressonâncias no mundo inteiro.

Este trimestre é rico de momentos importantes para os devotos da Sagrada Face e da Madre Pierina. A 30 de maio celebra-se o IV aniversário da sua beatificação ocorrida na basílica romana de Santa Maria Maior, presidida pelo cardeal Angelo Amato, prefeito da Congregação para as

Causas dos Santos. No mês de junho, no domingo 8, celebra-se também a solenidade de Pentecostes, festa titular do Instituto Espírito Santo de Roma. É uma ocasião para implorar do Senhor os dons do Espírito para

nos fortalecer nas adversidades e nas provas da vida e nos tornarmos testemunhas do Evangelho primeiro com o exemplo e depois com a palavra.

Um desafio para todos os devotos da Madre Maria Pierina.

A redação



NA PRAÇA DE SÃO PEDRO A CANONIZAÇÃO DE JOÃO XXIII E DE JOÃO PAULO II DOIS SANTOS CORAJOSOS

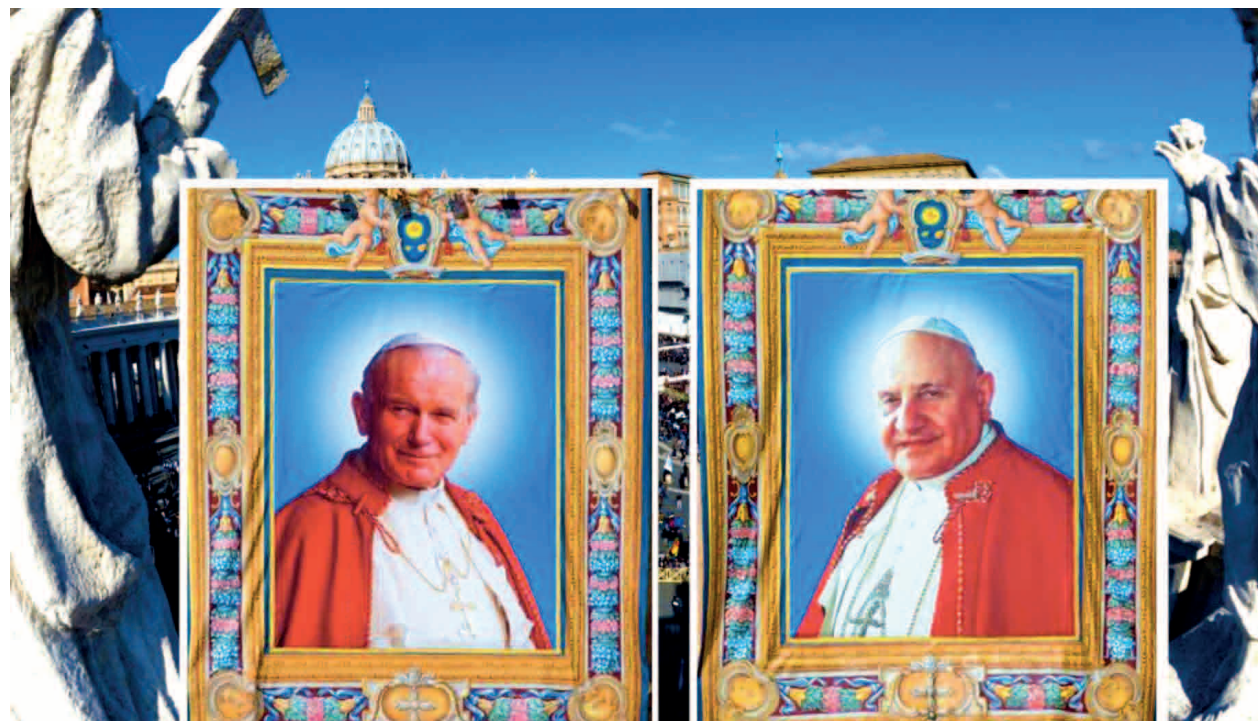
Publicamos a homília pronunciada pelo Papa Francisco, por ocasião da canonização de João XXIII e de João Paulo II, na manhã de domingo, 27 de abril de 2014, na praça de São Pedro.

No centro deste domingo, que encerra a Oitava de Páscoa e que São João Paulo II quis dedicar à Misericórdia Divina, encontramos as chagas gloriosas de Jesus ressuscitado.

Já as mostrara quando apareceu pela primeira vez aos Apóstolos, ao anoitecer do dia depois do sábado, o dia da Ressurreição. Mas, naquela noite – como ouvimos –, Tomé não estava; e quando os outros lhe disseram que tinham visto o Senhor, respondeu que, se não visse e tocasse aquelas feridas, não acreditaria. Oito dias depois, Jesus apareceu de novo no meio dos discípulos, no Cenáculo, encontrando-se presente também Tomé;

dirigindo-se a ele, convidou-o a tocar as suas chagas. E então aquele homem sincero, aquele homem habituado a verificar tudo pessoalmente, ajoelhou-se diante de Jesus e disse: «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20, 28).

Se as chagas de Jesus podem ser de escândalo para a fé, são também a verificação da fé. Por isso, no corpo de Cristo ressuscitado, as chagas não desaparecem, continuam, porque aquelas chagas são o sinal permanente do amor de Deus por nós, sendo indispensáveis para crer em Deus: não para crer que Deus existe, mas sim que Deus é amor, misericórdia, fidelidade. Citando Isaías, São Pedro escreve



aos cristãos: «pelas suas chagas, fostes curados» (1 Ped 2, 24; cf. Is 53, 5).

São João XXIII e São João Paulo II tiveram a coragem de contemplar as feridas de Jesus, tocar as suas mãos chagadas e o seu lado trespassado. Não tiveram vergonha da carne de Cristo, não se escandalizaram d'Ele, da sua cruz; não tiveram vergonha da carne do irmão (cf. Is 58, 7), porque em cada pessoa atribulada viam Jesus. Foram dois homens corajosos, cheios da parresia do Espírito Santo, e deram testemunho da bondade de Deus, da sua misericórdia, à Igreja e ao mundo.

Foram sacerdotes, bispos e papas do século XX. Conheceram as suas tragédias, mas não foram vencidos por elas. Mais forte, neles, era Deus; mais forte era a fé em Jesus Cristo, Redentor do homem e Senhor da história; mais forte, neles, era a misericórdia de Deus que se manifesta nestas cinco chagas; mais forte era a proximidade materna de Maria.

Nestes dois homens contemplativos das chagas de Cristo e testemunhas da sua misericórdia, habitava «uma esperança viva», juntamente com «uma alegria indescritível e irradiante» (1 Ped 1, 3.8). A esperança e a alegria que Cristo ressuscitado dá aos seus discípulos, e de que nada e ninguém os pode privar. A esperança e a alegria pascais, passadas pelo crisol do despojamento, do aniquilamento, da proximidade aos pecadores levada até ao extremo, até à náusea pela amargura daquele cálice. Estas são a esperança e a alegria que os dois santos Papas receberam como dom do Senhor ressuscitado, tendo-as, por sua vez, doado em abundância ao Povo de Deus, recebendo sua eterna gratidão.

Esta esperança e esta alegria respiravam-se na primeira comunidade dos crentes, em Jerusalém, de que falam os Actos dos Apóstolos (cf. 2, 42-47), que ouvimos na segunda Leitura. É uma comunidade onde se viveo essencial do Evangelho, isto é, o amor, a misericórdia, com simplicidade e fraternidade.

E esta é a imagem de Igreja que o Concílio Vaticano II teve diante de si. João XXIII e João Paulo II colaboraram com o Espírito Santo para restabelecer

e actualizar a Igreja segundo a sua fisionomia originária, a fisionomia que lhe deram os santos ao longo dos séculos. Não esqueçamos que são precisamente os santos que levam avante e fazem crescer a Igreja. Na convocação do Concílio, São João XXIII demonstrou uma delicada docilidade ao Espírito Santo, deixou-se conduzir e foi para a Igreja um pastor, um guia-guiado, guiado pelo Espírito. Este foi o seu grande serviço à Igreja; por isso gosto de pensar nele como o Papa da docilidade ao Espírito Santo.

Neste serviço ao Povo de Deus, São João Paulo II foi o Papa da família. Ele mesmo disse uma vez que assim gostaria de ser lembrado: como o Papa da família. Apraz-me sublinhá-lo no momento em que estamos a viver um caminho sinodal sobre a família e com as famílias, um caminho que ele seguramente acompanha e sustenta do Céu.

Que estes dois novos santos Pastores do Povo de Deus intercedam pela Igreja para que, durante estes doisanos de caminho sinodal, seja dócil ao Espírito Santo no serviço pastoral à família. Que ambos nos ensinem a não nos escandalizarmos das chagas de Cristo, a penetrarmos no mistério da misericórdia divina que sempre espera, sempre perdoo, porque sempre ama.



EM ROMA O PADRE LUCIANO LARIVERA PRESIDE À CELEBRAÇÃO PARA A FESTA DA SAGRADA FACE OLHAR PARA JESUS COM OS OLHOS DO CORAÇÃO

Publicamos a homilia pronunciada pelo jesuíta Luciano Larivera, por ocasião da festa da Sagrada Face, celebrada em Roma, na terça-feira, 4 de março.

A Sagrada Face de Jesus é uma parte para o todo. Diz toda a sua Pessoa. A imagem que nos é confiada pela beata Pierina nos revela a história de amor entre ela e Jesus. Este ícone mostra como Pierina olhava para Jesus e como Ele contemplava a sua consagrada. Por isso qualquer representação de Jesus nos recorda que quando nós o observamos, também Ele olha para nós. Mas o que permanece é aquela imagem de Jesus que levamos no coração e à qual nos dirigimos, ouvindo as palavras que os seus lábios proferem. Como a beata Pierina.

Pensando na minha mãe, fiz-lhe algumas fotografias no leito de morte, devido a um tumor. Mas as imagens daquele quarto de hospital que levo no coração são as de um quadro da Virgem com o olhar sobre a minha mãe. E a que mostra a luz que entrava da janela e iluminava a minha mãe Lucia. Depois, quando fotografei a sua lápide na capela de família, comoveu-me profundamente ver que no mármore estava refletida a imagem luminosa do vitral do Bom Pastor, que o meu pai mandou realizar. Outro sinal de que a minha mãe

está na luz e no abraço luminoso de Jesus e Maria.

São várias as imagens que a devoção popular nos entrega como autênticas imagens da face de Jesus. São as relíquias dos verdadeiros ícones: alguns panos usados por Verônica, ou a do sudário. Falam-nos de um homem meiomorto ou morto, pelo qual sentir piedade e amor. Mas também é o ícone de muitas vítimas da violência humana. Pode até ser o espelho das nossas desgraças. Tais imagens olham diretamente para nós e nos falam, nos comovem, se apoiam em nós. Mas enquanto nós não suportamos a visão de um cadáver em estado de decomposição, o nosso criador não sente dele repugnância. Ama-o porque é sua criatura à imagem do seu filho. O Pai olha para nós e, aliás, recordamos-lhe o seu filho quando vivia conosco.



A imagem da sagrada face de Jesus verdadeiro Deus é também a melhor representação simbólica que podemos fazer do Pai e do Espírito, tal como está pintado no ícone da Trindade de Andrej Rublêv. Também nós estamos imersos naquele jogo de olhares trinitários após a Encarnação e a Ressurreição de Jesus. Até quem é cego comunica com os olhos, abrindo-os ou fechando-os, expressando serenidade, alegria, dor, cansaço, esperança e amor. Também quem é cego está sob o olhar de Deus. E sabe que é contemplado pelas Pessoas da Trindade.

Santo Inácio de Loyola, no seu livrinho dos Exercícios Espirituais, convida a entrar em oração detendo-se primeiro alguns momentos para ver como Deus olha para nós. E por conseguinte afastar as falsas imagens de um Deus acusador, distraído, arbitrário, justiceiro, até representado com um olho só num triângulo ou como um avô. Deus é Pai. Nos ícones orientais, o olhar de Jesus muitas vezes é assimétrico, como que afetado por estrabismo divergente. E por isso não podemos fitar contemporaneamente as duas pupilas, porque uma representa a misericórdia e a outra a justiça. E não as podemos compreender nem dominar com os nossos olhares materiais e com os conceitos científicos. Mas os dois olhos fitam-nos com maternidade e paternidade. E convidam-nos a pedir misericórdia e, ao mesmo tempo, a expressar reconhecimento. A pedir graças e a oferecer-nos a Deus.

E para entrar em intimidade com Deus, Santo Inácio convida também a fazer um diálogo com o Crucificado. Mas como olhar para ele. Podemos pôr-nos de joelhos e de baixo olhar para a sua face que está no alto, mas com a cabeça inclinada para baixo, com o olhar de Jesus dirigido



para mim. Mas posso olhar também para o Crucificado como fez Maria ou o bom ladrão ou o centurião. Ou então sentir sobre mim o olhar de Jesus como aconteceu com o discípulo amado ao qual confiou a Mãe. Pode não ser fácil suportar o olhar do Trespasado ou do Deposto. Um rosto que nos fita com olhar fixo ou fechado sem vida humana. Mas recordemos que Deus, em Jesus, tem todos os nossos sentidos corporais e espirituais (escondendo os atributos divinos e da sua onisciência). O Senhor sente com o tato e o paladar os nossos sentimentos. Sente com a sua mão o palpitar do nosso coração, com a sua vitalidade e doenças espirituais. Por isso quem pinta ou esculpe uma imagem de Jesus o faz, especialmente na Igreja oriental, mediante uma liturgia, ou seja, um tempo de oração, para não se deixar arrebatar demasiado pelas próprias sugestões a se abrir, ao contrário, à revelação que Deus faz de si, a partir do Evangelho. Como acontece na Transfiguração e, em formas mais humildes, nas aparições do Ressuscitado aos seus discípulos.

Uma imagem muito comovedora do Ressuscitado é aquela atribuída ao monge Andrej Rublêv. Este ícone tinha sido perdido e foi encontrado numa poçilga, como um eixo em cima de um rego para não se enlamear ou sujar os pés. Este sagrado ícone passou simbolicamente pelo destino de Jesus, cuja

face foi coberta de injúrias e ignomínias. Diante dos ícones orientais, que são venerados com vénias, beijos e incensações, parámos para olhar para a figura representada com as suas cores, fechando depois os olhos e se deixando imergir na vida divina com a oração. Quer seja contemplativa, de pedido, de agradecimento ou de oferenda.

O importante para nós é entrar em relação com Jesus. Cada pormenor da sua figura nos abre para Ele. Por exemplo veneramos o Sangue de Cristo, e muitos crucifixos medievais guiam o olhar a observar precisamente a efusão abundante deste sinal, também sacramental, do amor de Jesus. Mas há ainda uma imagem de Antonello da Messina do Ecce Homo, na qual surpreende a corda ao pescoço de Jesus, o seu olhar indefeso, mas mais ainda a três lágrimas que deslizam pela sua Sagrada Face. Aquelas lágrimas refletem Deus e a humanidade.

Há quatro anos no pavilhão italiano da Bienal de Veneza, havia uma tela na qual estavam representadas só as pernas e os pés de um crucificado. Ícone de todos os prófugos e migrantes. É importante que possamos ver uma relação íntima com o Senhor através das suas representações da arte e da nossa imaginação. Sem que se tornem ídolos. O Senhor sabe expressar-se em tudo e com qualquer meio e forma, sem por isto se deixar conter em forma

alguma realizada pelo homem.

Eu, como jesuíta, gosto muito do quadro do Sagrado Coração conservado na Igreja de Jesus de Roma, também porque era uma imagem muito querida à minha avó. Esta representação diz-nos que Jesus e com ele Deus Pai e o Espírito Santo, são tudo coração, tudo amor por nós. E Jesus oferece-me uma mão, também para que eu possa colocar na sua mão o meu coração e o que ele conserva, para o curar. Jesus nos propõe que implantemos em nós o seu coração. Mesmo se parece não ser possível acreditar nisto. E precisamente quanto declara a crucificação de Jesus e a celebração eucarística. E nós com o nosso rosto somos chamados a testemunhar até sem palavras, o amor de Deus. Como nos recorda o mandamento de Jesus de oferecer a outra face, sabendo que a Eucaristia e a Igreja são as duas faces vivas de Cristo para nós e para a humanidade. Porque três são as faces da medalha milagrosa da bem-aventurada Pierina: a Sagrada Face do Sudário, a Eucaristia e a face de quem leva a medalha com devoção e espírito missionário.



TORNAR-SE VERDADEIROS DISCÍPULOS DE CRISTO

Publicamos a homilia do servo de Maria, padre Luca De Girolamo, pronunciada por ocasião da Missa de quarta-feira 26 de fevereiro, na Capela do Instituto Espírito Santo de Roma.

Um defeito, ou contudo um erro presente nalgumas pessoas que se dizem religiosas (seja qual for o culto) é o da exclusão, isto é, de abusar da verdade acreditada e, em nome dela, afastar outros irmãos e irmãs que – mesmo não pertencendo a um culto religioso – são contudo pessoas que praticam o bem em benefício de outros.

O Cristianismo como portador de uma Verdade que é o eterno desígnio de Deus sobre o homem e sobre o mundo, faz surgir imediatamente a interrogação sobre como se situa esta Verdade em relação ao homem e como este a deve acolher religiosamente.

No Evangelho que ouvimos, Marcos – com o seu estilo imediato – cita as palavras de um discípulo de Jesus que se opõe a um homem o qual, em nome do mesmo Jesus, pratica uma libertação, porque – diz ele – «não nos seguia». Transposto para a linguagem de hoje: não era dos nossos...

Esta atitude deve fazer-nos refletir acerca do carácter de verdade que Jesus trouxe. Pensar na exclusão, para Ele, é uma

posição de fariseus, de observantes exteriores que não vão além do preceito que distingue a pertença e ali se detêm fazendo deste preceito a medida para todos.

Na realidade, ser discípulos de Jesus não significa monopolizar o nome; Ele mesmo nos doa a medida com a qual olhar para a humanidade e esta medida é o amor. De outra forma, não se compreenderia o motivo da sua Páscoa que leva a uma redenção universal.

Em síntese, Jesus não pode ser aprisionado por uma mentalidade que possui categorias limitadas, típicas do antigo povo de Israel, mas Ele vai além e chama o nosso interesse para a capacidade que o outro (também não cristão) tem de amar. Só partindo desta plataforma de bem é possível permitir a quem não é seguidor de Cristo conhecê-lo e aproximar-se do seu Mistério e da sua verdade.

Trata-se de um especial método de ensinamento e de evangelização. Hoje fala-se muito disto considerando também a presença de tantas culturas. Mas precisamente por isto, que nos obriga ao confronto, é preciso trabalhar partindo dos pontos de contacto.

O Evangelho de hoje narra o resgate de uma pessoa: o discípulo assiste a um ato de libertação do maligno feito por uma pessoa que não pertence ao círculo dos discípulos mais próximos de Jesus: não se deve decidir a partir desta pertença, mas do projecto que Deus tem sobre a humanidade, isto é, a vida, a salvação e o resgate.

Esta solicitude pelo próximo é já um primeiro passo de evangelização. Fazer conhecer a grandeza de Deus partindo do seu essencial desígnio de promoção humana e não de uma série de preceitos e normas que pretendem explicar este amor, antes de o viver.

O percurso de Jesus e que Ele sugere aos discípulos de todos os tempos e, portanto, a nós cristãos, distingue-se pela experiência direta que Ele faz do homem com todos os seus limites e deformações. A eles se destina a sua ação que cura, amparada com o amor e não com uma fé feita de obediência exterior que, como para os antigos judeus, se tornava instrumento de expressão de poder e opressão.

Por conseguinte, Jesus não exclui, mas abre aos que

o querem seguir e exortamos a fazer o mesmo com os nossos comportamentos guiando-nos a uma mentalidade que não gera divisões em seu nome. Sabemos como, na história, a Igreja percorreu este falso caminho e perdeu discípulos em vez de os conquistar para Cristo. Trata-se de uma deformação que leva à divisão dos cristãos em série A e B como no desporto, combatendo guerras ideológicas em vez do combate pacífico da fé que São Paulo nos recorda.

Os tempos novos com Jesus surgiram, mas compete a nós torná-los visíveis e vivíveis. Ajudem-nos neste compromisso a força do Espírito Santo, Espírito de unidade, e a presença de irmãos e irmãs que são modelos para nós, como a Madre Pierina, no nosso caminho de santidade.



UM NOVO LIVRO DO PADRE CARLO MORANDIN ORAÇÃO E TRADIÇÃO MONÁSTICA

«Oração e tradição monástica» é o volume do beneditino Carlo Morandin, director da nossa revista, acabado de publicar pelas Edições Ancora (Milão, abril de 2014, 272 páginas, 18.00 euros). Publicamos alguns excertos da Introdução do autor.

Entrar no tema da oração é como adentrar-se numa selva escura devido à complexidade dos elementos e aos diversos aspetos que ele contém. Escrever outro manual sobre a oração seria um trabalho em grande parte supérfluo devido à abundância de tratados sobre este tema, e não poucos de inestimável valor, sobretudo os dos místicos até recentes e a rica produção patrística, começando por Tertuliano e Orígenes.

Nestes últimos decénios aumentou o interesse pelas técnicas de oração consideradas mais atentas às problemáticas de hoje. Nesta busca alguns consideram bastante útil o regresso aos «mestres do passado»: neles é possível descobrir como os diversos modos de rezar «convergem num todo harmonioso». E entre os diversos modos de rezar, o mais contestado hoje, pelo menos em determinados ambientes, é o da oração vocal, a qual, se não caiu totalmente em descrédito infelizmente caiu em desuso tendo como objetivo de modo apaixonado a interioridade do homem. Ao contrário, seriam importantes as técnicas de

concentração ou de recolhimento e contemplação. Uma crise de oração - que poderia incluir também o tipo um pouco fanático de fervor - certamente pode esconder um dado: são poucas as pessoas capazes de correr um dos riscos sempre presente na experiência de fé: crer que conhece a oração a ponto de a desejar como experiência espiritual fazendo não poucos sacrifícios e recorrendo ao oriente asiático para aprender as suas técnicas descuidando assim a própria tradição cristã, em particular a do hesicasmo bizantino. Qualquer ascese empreendida como aprofundamento pessoal e também como saída de uma atitude de superficialidade e de inutilidade, que se desinteresse, por exemplo, da doutrina de Gregório Magno do *habitare secum*, ou seja, do sair de si para voltar a entrar em si e por conseguinte viver acima de si, tem como seu destino natural o naufrágio de uma autêntica experiência espiritual.

Esta, segundo uma expressão de São Pio X, na sua primazia, é dada pela liturgia, que é também oração vocal. Se concentrar-se no profundo das realidades tem uma sua finalidade, isto deveria residir no desejo - talvez até inconsciente - de obter a harmonia entre o viver consigo mesmos e o viver com os outros, sobretudo com Deus. Então também a ascese simplesmente «natural» deveria mostrar a influência recíproca entre corpo e espírito. Tema candente e sempre presente na experiência e já conhecido na antiguidade cristã sobretudo monástica.

Esta exigência levanta uma pergunta: não é a oração um dom de Deus? Sob este aspecto teológico, na experiência ascética «natural» trata-se de oração verdadeira, no sentido de que ela liberta corpo e espírito para que possam exprimir-se de modo espontâneo? O dom da oração, que Deus concede livre e gratuitamente em Jesus Cristo, primeiro e verdadeiro «orante», leva sem dúvida a uma realidade muito profunda: ser libertados mediante a ascese para invocar com Cristo o Pai, agradecendo-lhe, louvando-o. Por muito espontâneas que sejam as palavras, elas não constituem contudo a oração que necessita do silêncio; um silêncio que está acima das próprias palavras forma novo diálogo, no qual se é conscientes de estar totalmente presentes. E uma presença de amor, caminho certo para conhecer o outro de modo real. No

silêncio pode ser acolhido o brado do Espírito que inspira a oração.

É muito importante a consciência de que a oração provém da mais profunda interioridade do ser onde é necessário descer, isto é, reentrar em si depois de ter saído no compromisso de se afastar de quanto pode impedir que se esteja na presença de Deus e com ele. Saber rezar e ser conscientes da oração não significa minimamente que a oração seja perfeita.

A oração não é iniciativa original do homem, ela foi

dada há muito tempo, a ponto que raramente podemos declarar-nos conscientes da própria oração. A iniciativa primária é sempre Deus e por esta razão ela é «vivente» desde sempre. A consciência não clara no homem de rezar não lhe impede de estar no estado de oração; o tempo o conduzirá a uma consciência cada vez mais clara precisamente se perseverar no estado de oração.

A zona interior profunda, a qual mencionámos, mais é só a abundância do coração à maneira dos amantes. O tema é evangélico: ... os lábios falam da plenitude do coração (Mt 12, 43; Lc 6, 45). Um coração despertado e cheio de alegria é capaz de cantar louvor e acção de graças - que não significa de modo simplista dizer «obrigado» - é verdadeira «eucaristia». É preciso entrar no coração e despertá-lo do entorpecimento; é tempo de acordar (Rm 13, 11), e «com os nossos olhos abertos para a luz de Deus, ouvimos com atenção o que a voz divina nos quer dizer quando nos repete todos os dias: Ouvi hoje esta palavra: não endureçais os vossos corações». Neste convite beneditino há uma antecipação



de quanto se verá a seguir em sintonia com a tradição monástica sobre a oração.

Voltar a si, «redire ad cor» (cf. Is 46, 8 [segundo a Bíblia de Jerusalém, Paris 1955, p. 1159]) encontra a sua explicação concreta na parábola dos «dois irmãos», conhecida normalmente como a do «filho pródigo» ou das mãos furadas. Com uma vida dissoluta desperdiçou todos os seus bens e devido à carestia que chegou sentiu a privação até à fome: então caiu a si... (Lc 15, 17). Gregório Magno narrando a vida de São Bento descreve-o como o homem *Habitare secum*. Por sua vez Guigo I, o Delfim, nas suas Meditações 4a, afirmava de Bento quietus em Cristo. A sua única preocupação era «manter o seu coração livre sob o olhar de Deus».

A parábola do tesouro escondido num campo (Mt 13, 44), aplicada à oração vê no «campo» o coração no qual é necessário escavar para o descobrir, o libertar de quanto o impede de encontrar o tesouro escondido. Certamente trabalho cansativo, mas indispensável.

Impõe-se aqui a necessidade de libertar os metais preciosos das escórias, que significa pôr-se de verdade diante de Deus e descobrir a verdadeira imagem e semelhança contida no projecto originário da criação divina. Esta obra de autêntica «libertação» abre o caminho da escuta do próprio co-

ração, onde ele está em oração porque acolheu a iniciativa de Deus em relação a si, e assim permanece em escuta da voz do Espírito, orante nele, para que tudo se torne oração pessoal.

No silêncio a custódia do coração.

O coração despertado, acordado pela luz divina, é o de quem vigia. O vigiar é imperativo evangélico instantâneo e urgente sobretudo no momento da prova, ou tentação, tão forte que chama a atenção espiritual dos padres do monaquismo.

Aquele que vigia com cuidado sobre o próprio coração e a ele impede o acesso a qualquer outra imagem e fantasia, depressa se aperceberá como o coração irradia luz. Assim como o carvão se incendeia, como o fogo acende uma vela, assim Deus põe em chamas o nosso coração em vista da contemplação, ele que habita nos nossos corações desde o baptismo.

O silêncio é determinante para a meditação da Palavra; um silêncio impregnado da mesma Palavra; um silêncio «vazio» não tem sentido. Deve ser um silêncio meditativo, de encontro sincero consigo mesmos na luz da Palavra divina, guiado pelas inspirações santas do Espírito, se não quiser ser uma queda livre no vazio interior.

Depois, o silêncio, sem a meditação é a morte, semelhante à de um sepultado vivo e a meditação sem o silêncio é vã e mera agitação. Mas se ambos estão unidos no viver espiritualmente, dão à alma uma grande paz e a contemplação perfeita.

O silêncio tem uma sua finalidade: renúncia e por conseguinte desapego dos próprios projectos, os quais não se sintonizam com a voz do Espírito orante no coração. Com efeito o Salmo 32 ensina: «O Senhor desfaz o conselho dos gentios, quebranta os intentos dos povos. O conselho do Senhor permanece para sempre; os intentos do seu coração de geração em geração».

Um silêncio interior autêntico não é só renúncia. Na renúncia e no desapego eleva-se como oração verdadeira tornando até menos indispensável o silêncio exterior dos lábios. Neste estado de oração vocal, como o de uma comunidade orante - é suficiente pensar na Liturgia das Horas - já não é um «incómodo» também quando as diversas vozes podem ter uma certa discordância entre si. O silêncio interior, do coração, supera e torna ineficaz os limites comuns da exterioridade.

Nos Apoftegmas encontram-se muitos ensinamentos sobre este elemento básico da oração. E eis o abade Agatão com a sua resposta aos irmãos que perguntavam qual é a obra mais difícil do monge. Ele respondeu:

A meu parecer é a oração. Em qualquer outro exercício empreendido, mesmo se lhe custa muito sofrimento e paciência, chega por fim a um certo repouso, mas a oração exigirá dele um duro combate até ao último respiro.

Oração

*Ó Deus uno e trino
Pai e Filho e Espírito Santo
que permitiste resplandecesse os dons
da Tua Graça na humilde
Madre Pierina De Micheli,
chamando-a ao Teu serviço, para que no
escondimento e na obediência fosse
a consoladora do Crucifixo divino
e a missionária da Tua Sagrada Face,
faz que também nós nos coloquemos
de bom grado no caminho
da caridade sacrificada, para a Tua glória
e para o bem do próximo.
Por isso, na perspectiva dos méritos
da Beata Maria Pierina De Micheli,
e pela sua intercessão, concede-nos as
graças que com confiança Te pedimos, a
fim de que para nosso exemplo e conforto
se manifestem as virtudes heróicas
que ela praticava.
Amém.*

Do diário da

Madre Maria Pierina De Michel
(25 de maio de 1942)

«Ontem de manhã, festa do Espírito Santo, quando rezava dei comigo como que absorvida em Deus, e na luz da Sagrada Face vi tantas almas sobretudo Sacerdotes, e Jesus disse-me: "O teu sofrimento iluminou estas almas". Que Jesus seja glorificado, que as almas se salvem, e depois, Jesus, tudo o que quiseres. Nas palavras ontem dirigidas a nós pelo Padre surpreenderam-me estas: A piedade na obediência, a obediência na piedade».

Oração à Sagrada Face de

São João Paulo II

Senhor Jesus, crucificado e ressuscitado, imagem da glória do Pai, Sagrada Face que olhas para nós e nos perscrutas, misericordioso e manso, por nos teres chamado à conversão e convidado à plenitude do amor, nós te adoramos e te bendizemos.

Na tua Face luminosa, aprendemos como se é amado e como se ama; onde está a liberdade e a reconciliação; como nos tornarmos construtores da paz que de ti irradia e a ti conduz.

Na tua Face glorificada aprendemos a vencer todas as formas de egoísmo, a esperar contra qualquer esperança, a escolher as obras da vida contra as acções da morte.

Concede-nos a graça de te pôr no centro da nossa vida; de permanecer fiéis, entre os riscos e as mudanças do mundo, à nossa vocação cristã; de anunciar às nações o poder da Cruz e a Palavra que salva; de ser vigilantes e laboriosos, atentos aos irmãos mais pequeninos; de colher os sinais da libertação verdadeira, que em ti teve início e em ti terá cumprimento. Senhor, concede que a tua Igreja esteja, como a Virgem Mãe, junto da tua Cruz gloriosa e junto das cruces de todos os homens para lhes levar consolo, esperança e conforto.

O Espírito que nos concedeste leva à maturação a tua obra de salvação, para que todas as criaturas, libertadas dos vínculos da morte, contemplem na glória do Pai a tua Face Sagrada, que resplandece luminosa nos séculos dos séculos. Amen.

DAS CARTAS DA BEATA

Nesta carta escrita ao jesuíta Giuseppe Rosi (1189-1949), a Beata, considerando a ingratidão de tantas pessoas, pede para sofrer pela glória de Deus e pela salvação das almas. Reza e quer imolar-se pelos jesuítas que muito terão que sofrer devido à anexação da Áustria ao Reich.

Fala depois dos trabalhos da casa de Roma e também de um seu escrito biográfico sobre a Madre Estanislada que tinha submetido à atenção do Pe. Marini S.J.

Ave + Maria + 14-3-938 - Milão

Venerado Padre Jesus!

Depois de muito ter rezado na Igreja do Jesus por V.R. sinto a necessidade de lhe agradecer pela grande ajuda dada à minha pobre alma, não obstante a minha maldade, estava para dizer - ingratidão - mas não, não sou ingrata, e no Paraíso o verá... e verificará que por mera graça do Senhor, esta miserável procura fazer tesouro dos santos conselhos e preciosos ensinamentos, até de uma simples palavra do seu venerado Padre. Face aos sofrimentos da Igreja, os meus sofrimentos nada me parecem... no comboio falava-se do golpe da Alemanha à Áustria, e compreendi como V.R. devia estar angustiado! Serviu-me de meditação e envergonhei-me de mim mesma ao constatar que me perco em mim mesma, em vez de sofrer e reparar com Jesus! Ofereci-me para tudo; mas V.R. sabe bem do que sou capaz... contudo sinto hoje a necessidade impelente de me imolar pelo triunfo do Reino de Cristo... também na Áustria os nossos Jesuítas, como noutras par-

tes serão as primeiras vítimas, porque o demónio os teme e muito! Por que não posso dar eu a vida mesmo se por um só!... seria porventura demasiada alegria e demasiada glória... aceite pelo menos para eles os meus pequenos sacrifícios, que se me parecem grandes, é apenas devido à minha debilidade... não, Padre, venerado, ensine-me a combater como Jesuíta, faça-me Jesuíta de espírito, não sou porventura também eu filha de Santo Inácio? Neste momento de luz, sinto isto com convicção, e rio desta minha má-cara, que se apresenta para me enganar. Fiz bem também agora, como me disse: um sinal de cruz, e pronto... disse esta manhã a Santo Inácio, que no Paraíso, gostaria de ser o assento dos Santos da Companhia (aos santos pode-se dizer qualquer despropósito, não é Padre?) mas quero ser também a sua glória... compreende, não é, Padre?

Pode pegar no bastão, mas mantenha-me estreita a Jesus.

Aqui trabalha-se, e não me parece verdade: o Assistente é uma pessoa muito séria. Corremos o perigo real de perder o terreno. Seja louvado o Senhor que nos libertou ainda. Agora vou ter com o Sr. Dozzi, o Monsenhor ainda não o pude encontrar. Espero fazer tudo depressa, se for vontade de Deus. Ontem de manhã tendo voltado para Milão encontrei a adesão de S. Eminência. Lha mostrarei quando vier. Recebi também a biografia, breve, que fiz da Madre Estanislada e enviei-a ao R.P. Marini que a conhecia bem, para a correção. Restituí-a sem mudar nada, dizendo-me que lhe agradou muito pela simplicidade das palavras, e não ousou modificá-la, mas antes de a imprimir que ouvisse o parecer de outra pessoa, por exemplo diz, do seu irmão. Isto não o faço, e se não é abusar da bondade de V.R., eu mesma a levaria quinta-feira, se estiver em Milão, como me prometeu. Contudo telefonarei antes para a Via Conservatorio para que me indique a hora propícia.

Perdoe-me por tudo e embora me considere indigna como a mais miserável mas profundamente grata entre as suas filhas.

em G. e M.Sr. Maria P.

Desculpe, Padre se a envio tão manchada, mas não tenho tempo para a copiar e depois se sai pior...

SEXTA-FEIRA 30 DE MAIO DE 2014
IV ANIVERSÁRIO
DA BEATIFICAÇÃO DA
MADRE MARIA PIERINA DE MICHELI
BASÍLICA ROMANA DE SANTA MARIA MAIOR
30 DE MAIO DE 2010 - 30 DE MAIO DE 2014



DE CASTELSILANO A MILÃO NA RECORDAÇÃO DA MADRE EUFRÁSIA IACONIS

No instituto da Imaculada Conceição de Milão, no domingo 23 de março, teve lugar o primeiro encontro dos emigrados de Castelsilano residentes na capital da Lombardia e arredores. A iniciativa tinha nascido em finais de setembro por ocasião do centenário da fundação do mesmo Instituto. Naquela circunstância, Pe. Francesco De Simone, pároco de Castelsilano, terra natal da Serva de Deus Madre Eufrásia Iaconis, Fundadora da Congregação das Filhas da Imaculada Conceição de Buenos Aires, a convite das irmãs tinha participado na comemoração do importante aniversário. Ele tinha alargado o convite às pessoas originárias da sua paróquia que atualmente residem em Milão. A este primeiro convite tinham aderido cerca de vinte pessoas que, unindo-se à comemoração do centenário, a 29 de setembro de 2013, participaram na concelebração na Basílica de Santa Maria das Graças.

O Padre Francesco, tendo em conta que as pessoas que participaram tinham ficado muito entusiasmadas daquela primeira experiência, propôs que se repetisse o encontro uma



vez por ano na recordação e em nome da Madre Eufrásia no lugar querido e mandado construir pela sua concidadã. E a proposta agradou a todos os presentes.

O convite do Padre Francesco, publicado por alguns colaboradores em Facebook foi aceite por mais de 50 pessoas, que estavam presentes no dia 23 de março num clima de grande alegria e festa em recordação da Madre Eufrásia. O primeiro importante resultado foi, precisamente, a alegria do encontro. Foi uma emoção extraordinária para tantos amigos e concidadãos que não se viam desde há muito tempo. Curioso foi o encontro de duas

companheiras de classe que em quarenta anos nunca se tinham encontrado! Depois da alegria e da emoção das saudações iniciais, de manhã o Padre Francesco, encontrando-se com os convidados numa sala do Instituto, realizou um encontro que teve dois momentos significativos.

Na primeira parte, o sacerdote falou da emigração frisando os aspectos que se sentem quando se deixa a própria terra e se vai para longe a fim de realizar os sonhos da vida. Emoções, renúncias, sacrifícios, esperanças, compromissos, canseiras e mais ainda, são os sentimentos que se vivem ao deixar a própria terra para oferecer um futuro

melhor a si mesmos e aos próprios filhos. E os nossos emigrados têm muito a dizer e a comunicar sobre estes assuntos. Todas as intervenções concordavam sobre o facto de que se por um lado é verdade que se enfrentaram e superaram muitos sacrifícios, é de igual modo verdade que os nossos emigrados honraram a própria terra, a Calábria e a nossa pequena cidade trabalhando com honestidade e melhorando as condições da própria família.

Na segunda parte, utilizando imagens tiradas de uma sua coleção dedicada a Castelsilano e à Madre Eufrásia, o padre Francesco, apresentou um relatório com o título: «Ma-



dre Eufrásia: uma pedra de monte». Na apresentação que se seguiu, os presentes puderam percorrer e apreciar a vida e as obras da nossa concidadã, muito conhecida na Argentina e pouco valorizada até há poucos anos em Castelsilano. Certamente foi um encontro que enriqueceu não só devido ao conhecimento histórico de uma figura como a Madre Eufrásia, mas também porque se puderam apreciar as características e virtudes de uma mulher que hoje podemos definir emigrada especial. Com efeito, como São Francisco de Paula a

Serva de Deus deixa a nossa terra pela fé no Senhor e para se dedicar aos outros nas actividades de ajuda concreta ao serviço dos mais pobres e dos sofredores. Muitos dos presentes não conheciam profundamente a vida da nossa concidadã e ficaram muito entusiasmados e contentes ao conhecer as obras por ela realizadas.

Em conclusão da primeira parte do dia, na capela do Instituto foi celebrada a Santa Missa na qual participaram todos os presentes. Seguiu-se o almoço que foi ocasião para continuar o convívio e o intercâmbio de ideias, experiências e emoções.

No final saudámo-nos com três sentimentos que pertenciam a todos: a alegria de ter passado um dia agradável; a satisfação por ter descoberto e conhecido melhor a figura da Madre Eufrásia e o desejo de se encontrar de novo. E por isso já se pensa no próximo encontro de 2015. O Padre Francesco aproveitou a circunstância para agradecer as irmãs de Milão pela hospitalidade recebida, todos os participantes com a sua presença valorizaram este primeiro encontro, e em particular os que colaboraram e fizeram chegar o convite a todos.



PENTECOSTES

(1962)

Espírito Santo Paráclito aperfeiçoa em nós a obra iniciada por Jesus; torna forte e continua a oração que fazemos em nome do mundo inteiro; dá impulso ao nosso apostolado que deseja alcançar todos os homens e povos, todos remidos pelo sangue de Cristo e todos herança sua. Mortifica em nós a natural presunção e eleva para as regiões da santa humildade, do verdadeiro temor de Deus, da coragem generosa. Que vínculo terreno algum nos impeça de honrar a nossa vocação: nenhum interesse por indolência nossa, mortifique as exigências da justiça; nenhum cálculo limite os espaços imensos da caridade dentro das angústias dos pequenos egoísmos. Tudo em nós seja grande: a busca e o culto da verdade, a prontidão para o sacrifício até à cruz; tudo, por fim, corresponda à extrema oração do Filho ao Pai celeste, e àquela Tua efusão, o Espírito Santo de amor, que o Pai e o Filho quiseram sobre a Igreja, e sobre as instituições, sobre cada uma das almas e povos. Amen.

São João XXIII



AVISO:

ESTÁ EM FASE DE IMPRESSÃO O DIÁRIO DE MADRE MARIA PIERINA DE MICHELI QUE REÚNE A SUA EXPERIÊNCIA INTERIOR E AS CONFIDÊNCIAS DE JESUS E DA VIRGEM MARIA SOBRE A DEVOÇÃO À SAGRADA FACE. A NOVA EDIÇÃO FOI AMPLAMENTE REVISTA E ACRESCIDA POR UMA INTRODUÇÃO.

QUEM ESTIVER INTERESSADO PODE ENCOMENDAR O VOLUME ENVIANDO UMA ANTECIPAÇÃO DE 5 EUROS À SEGUINTE CONTA CORRENTE, ESPECIFICANDO «DIÁRIO DI MADRE MARIA PIERINA»:
IBAN IT95N0760103200000082790007